UNIVERSIDADE ABERTA

**E-FÓLIO B**

Nome: António José Estêvão Cabrita
Número: 1002404
Turma: 01

Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação

**CULTURA PORTUGUESA**

Docente: Dra. Ana Cristina Assunção

Dezembro 2011

Várias correntes, se assim as podemos designar, tentaram, em vão, alterar profundamente o pensamento e a cultura em Portugal. Destas, destacam-se as Gerações de 70 e as do Orpheu. Ambos os movimentos propuseram-se ao mesmo fim, a tomada de consciência da irrealidade em que se vivia, como refere Eduardo Lourenço, com abordagens e objectivos tão distintos quanto semelhantes na sua essência, no seu desfecho e nas suas consequências.

O retrato e a crítica ao estado cultural do país foram feitos por formas esteticamente diferentes. Literariamente, na Geração de 70, as personagens de fundo pertenciam à burguesia ou aristocracia decrépitas enquanto na de Orpheu, sobretudo poética, eram indistintas as classes sociais. Porém, se a primeira geração era activa política e socialmente, os de Orpheu, mais individualistas, não o eram, para além da sua arte, em coisa alguma e não se lhes importunava qualquer crítica ou opinião.

Por inconformidade com a situação foi criada a personagem de Carlos Fradique Mendes, tendo por principal mentor Eça de Queirós que, “tanto exalta a Santa Ironia”[[1]](#footnote-1). Personagem feita gente, adequadamente ultra-romântica, oca de princípios e de ideias, tal como a sociedade portuguesa, não obstante, pensadora e controversa, foi essencialmente uma provocação, como as “Cenas Portuguesas”[[2]](#footnote-2). Estes, num sentimento de inferioridade face à Europa, ansiavam pela sua *esquizofrenia*[[3]](#footnote-3) cultural. Os de Orpheu, Modernistas, onde o presente era substituído sucessivamente por um novo presente, em resultado da autocrítica permanente, no uso de teses, sínteses e antíteses, com a consequente instabilidade psicológica assim criada, rompiam com os dogmas tradicionais assentes na continuidade, como “revelações da decadência”[[4]](#footnote-4). Aspiravam por um Portugal que, mesmo à mercê de um certo providencialismo, mas também, assim, destinado a um papel messiânico, urgia cumprir-se como *Quinto Império*, defendia Pessoa, reinterpretando o padre António Vieira[[5]](#footnote-5), tendo-se disso aproveitado o Estado Novo na sua doutrina nacionalista.

Desta forma, as consequências das várias interpelações ao estado cultural e social português foram individualmente severas, como a quase todos os intelectuais portugueses ao longo da nossa história, culminando ora no esquecimento ora no exílio, geográfico ou psicológico e, tantas vezes tendo o suicídio como destino final[[6]](#footnote-6).

**Bibliografia**

LOURENÇO, Eduardo. *O LABIRINTO DA SAUDADE*. 6, Lisboa: Gradiva, 2009

MARTINS, Guilherme d'Oliveira Martins - *PORTUGAL IDENTIDADE E DIFERENÇA: AVENTURAS DA MEMÓRIA.* 2. Lisboa: Gradiva, 2007.

REAL, Miguel - *INTRODUÇÃO À CULTURA PORTUGUESA.* Lisboa: Planeta, 2011.

REAL, Miguel - *O PENSAMENTO PORTUGUÊS CONTEMPRÂNEO 1890-2010.* Lisboa: INCM, 2011.

SARAVAIVA, António J., LOPES, Óscar - *HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA.* 17. Porto Editora, 2010.

NP 418 (1988)

NP 3715 (1989)

NP 4285-3 (2000)

NP 4285-4 (2000

## ) Comentários do Teacher

|  |  |
| --- | --- |
| Imagem de Ana Cristina Assunção | **Ana Cristina Assunção**Sexta, 6 Janeiro 2012, 23:11 |
|  | **Nota: 2,70 / 4,00** |

1. SARAIVA, 2010: 864 [↑](#footnote-ref-1)
2. Idem: 881 [↑](#footnote-ref-2)
3. REAL, 2011a: 269 [↑](#footnote-ref-3)
4. MARTINS, 2007: 101 [↑](#footnote-ref-4)
5. REAL, 2011b: 298-299 [↑](#footnote-ref-5)
6. REAL, 2011a: 32 [↑](#footnote-ref-6)